

AS PLANTAS DA CASA: ETNOGRAFIA SOBRE O CULTIVO DE PLANTAS NO CONTEXTO URBANO
HOUSEPLANTS: ETHNOGRAPHY ON THE LIVING WITH PLANTS IN THE URBAN CONTEXT

Lia Paletta Benatti

lia.paletta@ufff.br

Designer de produto, Mestre e Doutora em Design pela UEMG,

Professora efetiva do Instituto de Artes e Design da UFJF.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1628-9585>

André Carvalho Mol Silva

andremol@gmail.com

Desenhista industrial com habilitação em programação visual, mestre e doutorando em design pela UEMG, professor efetivo do Instituto de Artes e Design da UFJF.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7235-4006>

Sebastiana Luiza Bragança Lana

sebastiana.lana@gmail.com

Geóloga pela UFMG, PhD em Engineering Materials – University of Sheffield, doutorado e pós-doutorado em Química pela UFMG. Membro do Corpo Docente permanente do PPGD da UEMG. Membro do colegiado fundador, professor permanente da REDEMAT.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2076-5943>



Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.

RESUMO

Entre as diversas formas de cultivo de plantas em nossa sociedade, foram analisados neste estudo os costumes referentes às plantas nos ambientes residenciais. O artigo apresenta uma etnografia que mostra as relações de indivíduos nos usos, na percepção e na manipulação de recursos vegetais nos apartamentos de centros urbanos. Foram feitas entrevistas com famílias que fazem o cultivo de plantas em Juiz de Fora, Minas Gerais. Assim, este estudo de antropologia urbana faz um levantamento de como as pessoas criam estratégias para manter esta atividade, apesar dos ambientes construídos muitas vezes a dificultarem. São apresentadas questões referentes à origem do vegetal na residência, estratégias de cultivo e relacionamentos entre pessoas e plantas. Como conclusão, destacou-se que o cultivo é uma atividade que proporciona bem-estar e socialização, para além da relação com a alimentação e a estética.

Palavras-chave: antropologia urbana; atividades de cultivo; plantas; etnografia; pequenas residências.

ABSTRACT

Among the various forms of plant cultivation in our society, this study analyzed the customs related to houseplants. The article presents an ethnography that shows the relationships of individuals in the uses, perception, and manipulation of houseplants. Interviews were conducted with families who live in apartments in the city of Juiz de Fora-MG and cultivate plants. Thus, this study of urban anthropology shows how people from urban areas create strategies to maintain this activity despite the built environments that often make it difficult. Questions regarding the origin of the plant in the residence, cultivation strategies, and relationships between people and plants are presented. In conclusion, cultivation is not an activity to produce food, but an activity that provides well-being and socialization.

Keywords: urban anthropology; cultivation activities; plants; ethnography; small residences.

INTRODUÇÃO

Muito se dedica ao cultivo doméstico de plantas e, por motivos diversos, as pessoas mantêm relações próximas com o reino vegetal em suas residências. As casas das cidades são compostas de ambientes comuns para a manutenção de plantas: quintais, varandas, jardineiras nas janelas. Incomum é a casa em que não se encontra um único vaso sequer.

Para um olhar focal sobre os hábitos de cultivo, visitamos residências situadas nas áreas urbanas da cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, habitadas por indivíduos que possuíssem ao menos um único exemplar vegetal vivo. A participação com entrevistas e visitas nos auxiliou a observar as peculiaridades que tornam o cultivo doméstico uma necessidade para muitos, além de entender os contextos em que se enquadra esta atividade. “O encontro com desconhecidos, com que se pode cultivar uma relação de alteridade, é que permite conhecer o modo de operar de sistemas simbólicos diversos que são postos em movimentos por esta interlocução” (CARDOSO, 1986, p. 103).

Assim, a pesquisa se situa no ambiente urbano, em que a busca pela diferença não se define apenas pelo que é exótico, mas aqui se faz pela compreensão de relações já não tão distantes, de alteridade próxima, como descreve Peirano (2006). A autora explica que desde os anos 1970, antropólogos no Brasil fazem pesquisas nas grandes cidades e a atração por este tipo de abordagem ora se dá por seus aspectos qualitativos, ora pelo desafio de compreender dimensões do ethos nacional.

Optamos por uma entrevista¹ com estrutura minimamente rígida, que nos permitisse, em vez de recolher prioritariamente dados numéricos sobre cultivo, observar as peculiaridades do relacionamento humano/planta. Nos inspiramos no trabalho de Caiafa (2007), em que a conversa é a base para o recolhimento de dados. Se, como Velho (1980) afirmou, a sociedade moderna é a do individualismo, essa unicidade em cada indivíduo gera uma infinidade de realidades, por isso, como diz Caiafa (2007, p. 93) “nas cidades a experiência de alteridade se vê intensificada”.

A conversa é fluida e menos intimidadora se, por vezes, pode fugir por alguns instantes do tema da pesquisa, dando conforto para a sinceridade. Quando o outro fala, está conferindo uma realidade possível, como explica a autora:

A linguagem me traz aquele estranho mundo, realiza aquele possível como um mundo que o outro me traz. A linguagem me mostra o espan- to que eu não conhecia – não atualizando aquele mundo, que continua existindo como possível, mas concretizando, conferindo alguma reali- dade ao que outrem expressa e me traz (CAIAFA, 2007, p. 93).

Assim, as entrevistas/conversas se iniciaram com a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, também com a coleta de dados pessoais (endereço, sexo, idade e há quanto tempo habita o imóvel) dos responsáveis pela residência, que em alguns casos estavam acompanhados de outros membros da família ali domiciliados. B a - seados nas referências de conversação de Caiafa (2007) optamos por ter certo grau de troca igualitária, em que no lugar de apenas questionar o entrevistado, também os respondíamos quando questionados sobre suas dúvidas em relação às suas plantas, indicávamos a existência de pragas quando não eram observadas e, assim, nesta fluidez, novos tópicos sobre o tema surgiam. As indicações diretas e os relatos presentes neste artigo são aqui identificados seguindo as recomendações adotadas em trabalhos com comunidades humanas, apresentando-se iniciais do nome e idade.

Em sequência, solicitamos a apresentação das plantas da residência para fotografar e registrar o nome da espécie (quando conhecido) e assim, com a apresentação de cada planta, tentamos nos ater a assuntos que envolvessem três temas básicos:

1. Origem: como a planta foi adquirida, por quem e por qual motivo, há quanto tempo tem cada indivíduo e como se situa no ambiente doméstico etc.;
2. Cultivo: questões sobre como se faz a manutenção da planta, quem na casa o faz, dificuldades, materiais que utiliza, segredos, regas, em que época, etc.;
3. Relacionamento: por que ter plantas é importante? Conversa com plantas? Tem “mão boa” para o cultivo? Com quem aprendeu as técnicas utilizadas? É uma atividade individual ou feita pela família? etc.

A amostragem foi do tipo não-probabilística, não apresentando fundamentação estatística, seguindo apenas os critérios da pesquisa (GIL, 2008). As entrevistas se iniciaram com pessoas conhecidas e, a partir daí, com indicações destas pessoas para os futuros entrevistados e, assim, sucessivamente.

As visitas foram feitas na cidade de Juiz de Fora, situada na zona da mata mineira que conta com uma população de aproximadamente 500.000 habitantes de acordo com o último censo, sendo a quarta cidade mais populosa de Minas Gerais (IBGE, 2020). O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Juiz de Fora é 0,778, em 2010, situando-o assim na faixa de IDHM Alto. Este índice contabiliza fatores de longevidade, renda e educação da população (ATLAS BRASIL, 2013). Ainda de acordo com Atlas Brasil (2013), em 2010, 97% da população de Juiz de Fora contava com acesso à água encanada e 99% à energia elétrica e coleta de lixo em seus domicílios.

Visitamos nove residências em cinco diferentes bairros da cidade, localizados na região central (Tabela 1).

Tabela 1 - distribuição geográfica das residências visitadas em Juiz de Fora

Região	Bairro	Iniciais dos entrevistados	Idade dos entrevistados	Número de habitantes total da residência visitada
Centro	Bom Pastor	M.T.P.C.	65	1
		I.N.B.C.O.	36	5
		R.A.R.O.I.	38	4
	São Mateus	L.A.S.	40	2
		G.M.F.	37	3
	Santa Helena	J.M.M.	50	2
	Centro	A.M.S.	30	1
		M.D.V.	54	3
Sul	Teixeiras	L.T.C.M.	24	4

Fonte: os autores (2020)

“Uma parcela considerável da população nos grandes centros urbanos vive em pequenas propriedades onde não há espaço para jardins” (REIS *et al.*, 2020, p. 403). Assim, optamos por visitar apartamentos de classe média da região central da cidade, que conta com bairros que apresentam maior concentração de renda, como aponta Ladem (2011).

Em números absolutos, o Centro detém o maior número de residências com renda acima de cinco salários-mínimos (2.256), seguidos de São Mateus (1.832), Bom Pastor (966) e Santa Helena (755). [...] O Censo 2010 também aponta que quase 50% das famílias com rendimento superior a cinco salários-mínimos estão localizadas em cinco bairros de Juiz de Fora: Centro, São Mateus, Bom Pastor, Santa Helena e Granbery (LADEM, 2011).

Optamos por excluir as residências de condomínios fechados, pois apesar de não poder generalizar, afinal cada condomínio tem seu perfil de habitação, em muitos deles consegue-se situações de uso do solo similar ao do ambiente rural, por haver maior oferta de espaço por domicílio, em especial nas áreas externas das casas.

Caldeira (2003) explica que os condomínios fechados são o tipo mais desejável de moradia pela classe alta, enfatizando o valor do que é privado e restrito, ao passo que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. Os condomínios fechados são fisicamente demarcados e isolados, são espaços autônomos e embora tendam a ser espaços socialmente homogêneos para as classes altas, podem ser situados em áreas rurais ou na periferia (CALDEIRA, 2003). Logo, estar fisicamente apartado da cidade, evitando-se situações de trocas sociais, mostra-se como uma justificativa de exclusão para a pesquisa.

Foram excluídas também residências que continham apenas plantas artificiais ou arranjos/buquês com plantas cortadas.

ORIGEM

A origem das plantas em uma residência se dá de diversas maneiras, mas foi possível observar três situações que se repetiram com maior frequência: a aquisição por compra, a planta como presente e o nascimento espontâneo do vegetal.

A aquisição através da compra tanto é feita da muda quanto da planta adulta. Normalmente se faz a compra da muda de plantas alimentícias ou de espécies arbóreas, pelo seu grande porte. Compra-se a planta adulta principalmente quando se trata do segmento ornamental. As plantas são adquiridas tanto em florais como em supermercados, mas estes últimos foram mais citados pelos entrevistados (4 respostas), mostrando que a praticidade é fator importante. I. N. B. C. O. (36 anos), L. T. C. M. (24 anos), M. D. V. (54 anos) dizem gostar das plantas do supermercado, L. A. S. (40 anos) cita o hipermercado como um lugar para comprar plantas com bons preços, assim como M. T. P. C. (65 anos), que diz: “compro muitas plantas no *Carrefour* porque é o lugar mais barato, mas parece que elas vêm com muito remédio para ficarem bonitas na prateleira, pois pouco tempo depois que estão em casa dão uma caída” (M. T. P. C., 2018). Mas, mesmo com a suspeita, continua a comprar suas plantas lá.

O afeto é destacado quando as plantas são fruto de situações em que foram ganhadas. As orquídeas (família das *Orchidaceae*) de M. T. P. C. (65 anos) e de L. A. S. (40 anos) foram presentes dados por seus namorados, e são exibidas em pontos de destaque na casa, compondo sua decoração. A mãe de A. M. S. (30 anos) é a responsável por distribuir as plantas aos familiares, sendo também quem cuida delas, mesmo não estando em sua residência. Se ocupa em criar em sua casa para presentear e fazer a manutenção das plantas, garantindo também contato com sua família. Reis, Reis e Nascimento (2020) lembram que a interação

entre humanos e plantas ajuda a construir uma estabilidade através do contato com a natureza, mediando relacionamentos com outras pessoas além da construção da estética dos ambientes.

Duas entrevistadas ganharam vasos de flores em comemoração ao primeiro dia das mães. G. M. F. (37 anos), ganhou de seu sogro um vaso de violetas (*Saintpaulia ionantha*) que guarda há três anos e L. T. C. M. (24 anos) um vaso de crisântemo (*Chrysanthemum x morifolium*) de sua mãe. Neste último caso, foi um evento marcante, pois quando ganhou suas flores ainda estava grávida. No decorrer do tempo a planta perdeu suas flores e assim permaneceu por 4 meses. Uma nova flor brotou no mesmo dia em que L. T. C. M. (24 anos) entrou em trabalho de parto da sua primeira filha. O fato ficou tão marcado na família que foi imortalizado em formato de pingente usado por ela.

A filha de L. T. C. M. (24 anos) ganhou mudas de planta como lembrança de aniversário em que foi convidada e J. M. M. (50 anos) usou mudas de bambu da sorte (*Dracaena sanderiana*) para presentear os padrinhos do casamento de sua filha. Também citou que sempre que recebe visitas de uma amiga que mora no campo, recebe sempre e apenas mudas de planta como presente. Segundo a amiga, há plantas que não devem ser compradas, mas, sim, ganhadas, como o bambu da sorte (*Dracaena sanderiana*) ou a espada de São Jorge (*Sansevieria trifasciata*), por exemplo, esta última para efeitos místicos de proteção do lar. Além de serem ganhadas, devem também ser posicionadas na frente de casa, para espantar o “mau-olhado”. O marido de I. N. B. C. O. (36 anos) disse ter tido um vaso “anti-mandinga” com diversas plantas para efeitos de proteção, não soube afirmar se para ele realmente funcionava, mas achava bom ter em casa. “Diferentes culturas, com diferentes pontos de vista e razões cosmológicas, racionalizam seu mundo botânico em sua própria forma de pensar (sistemas cognitivos)” (ALBUQUERQUE, 2005, p. 56).

Apesar de M. D. V. (54 anos) já ter comprado plantas no supermercado, diz que prefere quando a aquisição ocorre de formas diferentes. Diz querer uma muda de manjeriço, mas fala: “ninguém me deu a muda e os molhos que comprei para cozinhar não vieram com raízes para replantar, então estou sem, porque não vou comprar” (M. D. V., 2020). O uso das raízes de ervas compradas na feira para alimentação para o plantio também foi citado por L. T. C. M. (24 anos), que diz ter o hábito de plantar qualquer planta que venha com um pouco de raiz.

A função das plantas se misturam no ambiente. Muitas plantas místicas, que são adquiridas por trazerem, de forma “mágica”, algum benefício a seu portador, são também vistas como ornamentais e posicionadas em local de destaque nas áreas de estar. São destacadas aqui as plantas observadas:

- Bambu da sorte (*Dracaena sanderiana*): para atrair boa sorte;
- *Lírio da paz* (*Spathiphyllum wallisii*): para atrair paz, como o nome diz;

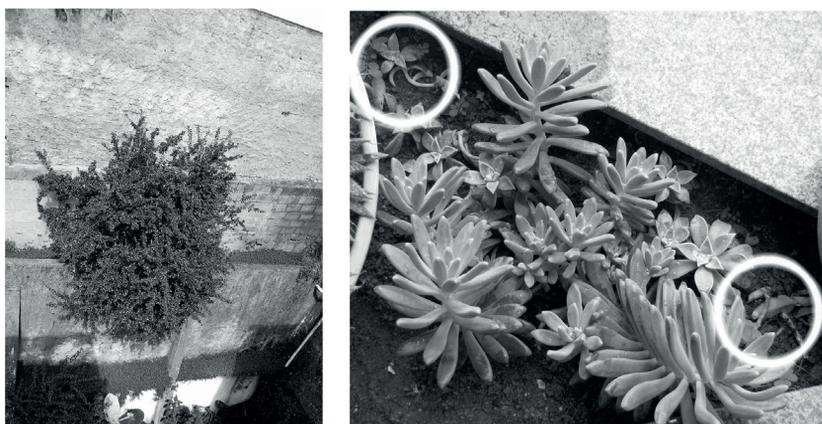
- Dólar (*Plectranthus nummularius*): para atrair dinheiro;
- Árvore da felicidade (*Polyscias fruticosa* – fêmea): para atrair felicidade;
- Espada de São Jorge (*Sansevieria trifasciata*): para afastar o mau-olhado.

“O conhecimento botânico desenvolvido por qualquer sociedade alia mitos, divindades, espíritos, cantos, danças, ritos [...] onde o natural e o sobrenatural fazem parte de uma única realidade” (ALBUQUERQUE, 2005, p. 7).

O nascimento espontâneo de plantas em vasos ou canteiros é um evento tratado com curiosidade e bom humor. J. M. M. (50 anos) contou que de um pequeno pé de acerola (*Malpighia emarginata*) plantado em um vaso em sua cobertura, passarinhos levaram a semente para um pequeno espaço de terra em um grande muro em frente à seu apartamento. O pé de acerola lá brotou, cresceu e hoje a árvore só pode ser acessada pelos pássaros (Figura 1).

Assim também ocorreu com as suculentas (*Graptopetalum paraguayense*) presentes na jardineira da varanda de I. N. B. C. O. (36 anos). Durante a mudança da família de Belo Horizonte para Juiz de Fora, uma das plantas perdeu várias folhas; com pena de jogar fora, seu marido depositou-a na terra da jardineira, em que as plantas acabaram por brotar novamente (Figura 1). L. T. C. M. (24 anos) também fez uso desse recurso, suas suculentas foram todas folhas que se soltaram das plantas de sua sogra e replantadas em sua casa.

Figura 1 - Árvore da acerola que nasceu em um paredão (esquerda) e novos brotos de suculenta



Fonte: os autores (2018)

A movimentação das plantas pela casa também é comum nas residências em que não há contato com solo disponível e o cultivo é feito em vasos. Ao longo da vida, as plantas vão sendo observadas e muitos entrevistados relataram que uma mudança de local fez bem à planta.

Alguns dizem ser por causa da maior ou menor incidência de luz solar, mas outros simplesmente justificam como “a planta gostou daqui”, ou “neste canto da casa tudo brota”. Para Reis, Reis e Nascimento (2020) o cultivo com o uso de vasos apresenta um custo baixo, tendo também a flexibilidade de movimentação pelo ambiente.

Pode-se, então, entender que conhecer os locais das plantas é também conhecer (ao menos em parte) o território, mesmo que privado neste caso, que compõe uma comunidade, ou neste caso o núcleo familiar.

CULTIVO

Carniello *et al.* (2010) observaram em seu trabalho sobre etnobotânica nos quintais que é mais comum as mulheres cuidarem das plantas ornamentais (jardim, quando é o caso), enquanto aos homens fica a responsabilidade com as plantas alimentícias:

[...] há uma distinção entre os conhecimentos. As mulheres são especialistas no que se refere às espécies ornamentais e o respectivo manejo, enquanto que os homens consideram-se especializados no cultivo de plantas alimentares. As demais categorias são de domínio comum aos dois gêneros (CARNIELLO *et al.*, 2010, p. 455).

Nos espaços reduzidos dos apartamentos, essa separação pode ou não acontecer, dependendo da dinâmica familiar. Fato similar, por exemplo, foi citado por J. M. M. (50 anos), que diz que seu marido “nem deve perceber que há plantas na casa” (J. M. M., 2018), cuida apenas do boldo e da babosa que usa para curar seu mal-estar. Assim como L. A. S. (40 anos), que diz não gostar de delegar a rega ao seu namorado, pois, segundo ela “ele só rega quando as plantas já estão murchando” (L. A. S., 2018).

O oposto acontece com I. N. B. C. O. (36 anos), que divide com o marido a escolha do que será plantado em casa, mas os cuidados de uma forma geral ficam a cargo dele que, segundo ela, tem uma “mão boa” para plantas e tudo cresce bem com ele. G. M. F. (37 anos) divide com seu marido os cuidados com as plantas do apartamento e, na residência de L. T. C. M. (24 anos), é a funcionária da casa que faz a rega. Já A. M. S. (30 anos) divide os cuidados com sua mãe. Ela diz achar que suas plantas não crescem bem porque não tem tempo de conversar com elas, e quando começam a murchar as leva para a casa de sua mãe, a quem chama de “enfermeira das plantas”; quando se recuperam, retornam à sua residência.

Há conflitos em casas com mais integrantes com relação aos cuidados, normalmente citados quando há maior diferença de idade entre os encarregados pelas plantas, pois costumam representar uma diferença de hábitos em relação aos cuidados e ao valor atribuído às plantas. Filhos pequenos, mesmo que participem com os pais dos cuidados com as plantas e tenham responsabilidades sobre elas, em momentos de brincadeiras não se lembram de tomar cuidado ao passar perto e acabam por danificar as plantas (Figura 2).

Figura 2 - Plantas danificadas pela passagem de crianças



Fonte: os autores (2018)

O contrário também ocorre, é a filha de três anos de G. M. F. (37 anos) que toma conta para que ninguém esbarre na planta da sala. Da forma similar pode ocorrer com os animais domésticos. No caso, uma das entrevistadas fez um jardim de girassóis com a filha que foi rapidamente devorado pelo coelho de estimação.

Com exceção dos espaços maiores que demandam ferramental específico para o trato da terra, o uso de ferramentas de jardinagem pode ou não ser adotado. Presenciamos tanto pessoas que usam ferramentas miniaturas para cuidar da terra de seus vasos, o uso do tradicional regador (também em pequena escala) e do borrifador, quanto o uso de instrumentos da própria casa como leiteiras, garrafas PET e copos para molhar as plantas. Porém, observamos de uma forma geral o reaproveitamento de produtos para servirem de vasos, tanto como uma forma de reduzir gastos ou até mesmo como estratégia decorativa (Figura 3). Garrafas e louças podem ser usadas como uma forma barata e inusitada de conter as plantas, ou potes considerados bonitos auxiliam também na decoração do ambiente. Uma das entrevistadas relatou ter aproveitado um móvel planejado que foi descartado por um vizinho para servir de suporte para as plantas de sua sacada (Figura 3).

Figura 3 - Exemplos do reaproveitamento de recipientes e estrutura para plantas



Fonte: os autores (2018)

O reaproveitamento de produtos, além de ser uma alternativa que pode gerar economia e criatividade, está diretamente ligada aos aspectos sustentáveis da atividade de cultivo, por atrasar o descarte de materiais, mas não observamos produtos em uso pelas famílias que se amparassem neste aspecto. Mesmo que a atividade de cultivo, por si só, seja uma forma de ampliar o uso adequado da natureza, em geral os produtos envolvidos no cultivo não apresentam baixo impacto ambiental, como uso excessivo de plástico por exemplo.

RELACIONAMENTO

A forma como as pessoas se relacionam com suas plantas se dá das mais diferentes maneiras, mas independente do objetivo que se tem com o cultivo, a presença das plantas no ambiente se mostra, de forma geral, como uma necessidade. Grande parte dos relatos falam sobre gostar de cultivo, ter aptidão com plantas, ou seu oposto como “não tenho mão boa para plantas”, indicando falta de conhecimento, ou que os vegetais não vivem por muito tempo, entre outros fatores. Curioso é que mesmo aqueles que não se consideram bons no cultivo de plantas não deixam de cultivá-las. Carniello *et al.* (2010, p. 458), em seu trabalho de etnobotânica, apontam que “o cultivo e o aproveitamento dos produtos do quintal estão associados não somente ao poder aquisitivo e/ou necessidade de incremento na dieta da família, mas ao conhecimento e aptidão para o cultivo de plantas”.

A falta de conhecimento sobre cultivo foi citada por alguns com pesar, por talvez não oferecer melhor cuidado à planta, por outros como fator para justificar diferentes experimentações no cultivo. L. T. C. M. (24 anos), por exemplo, diz ter vontade de ter uma horta funcional, mas necessitaria de uma consultoria. Foi possível observar que alguns entrevistados não percebiam que algumas de suas plantas estavam tomadas por fungos/pragas, e muitos apresentaram plantas da qual não sabiam o nome da espécie. L. A. S. (40 anos), por exemplo, quando indagada sobre como faz a rega da orquídea disse regar pouco mas observava que a água passava direto pelo vaso, chegou a indagar “nem parece que tem terra, tem terra em vaso de orquídea?”, se referindo ao substrato no qual a planta é comercializada.

Foram citados como motivo principal para o cultivo o fato da atividade funcionar como uma terapia que reduz o estresse, acalma ou simplesmente por fazer bem. L. A. S. (40 anos) relatou com grande prazer como a fazia bem conversar e cuidar de suas plantas. A presença de plantas no ambiente doméstico também foi ressaltada, aqui neste ponto não pelo aspecto decorativo, mas pela ideia de que olhar para as plantas ou estar em sua presença faz com que as pessoas sintam bem-estar. A lembrança da casa dos avós ou dos pais, manter uma atividade já feita desde a infância, assim como a importância de inserir as crianças nas ações de cultivo aparecem com importantes. “A criança cresce e acumu-

la na memória mil fragmentos de saber e de discurso que, mais tarde, determinarão sua maneira de agir, de sofrer e de desejar (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996, p. 205). Memórias de cultivo na infância influenciarão o futuro adulto, que poderá também investir nesta atividade.

As relações familiares se mostraram presentes em todas as conversas, e em alguns casos as plantas são conectoras de pessoas e materializam o afeto das relações. O marido de G. M. F. (37 anos) aprendeu com o pai a cuidar de orquídeas, hoje tem seu próprio sítio onde produz diversas. Quando uma das orquídeas floresce, ele leva para a casa do pai para agradá-lo, e quando as flores caem, retorna a planta ao sítio, e assim por diante.

Foram presentes os relatos sobre a vontade de ter uma horta mas que, pelas condições de espaço, acabavam por cultivar apenas as ornamentais. O marido de I. N. B. C. O. (36 anos) lembrou de como ajudou o avô com suas plantas, quando criança, e como os conhecimentos passados o auxiliam a cuidar de suas plantas hoje. Maguire (2014) explica sobre o cultivo do próprio alimento em pequenos espaços domésticos:

Embora a produção de alimentos para o próprio consumo não solucionem as questões financeiras, qualquer horticultor dirá que cultivar uma horta é gratificante e mantém o espírito são. Quando se acrescentam a isso diversão, satisfação e o enorme prazer de comer algo que você mesmo plantou, não causa espanto que tantas pessoas estejam aderindo a essa prática (MAGUIRE, 2014, p. 6).

É perceptível também certa relação com a saúde, não apenas como atividade que reduz o estresse, mas fala-se sobre ter o ar mais limpo quando há plantas na casa, ou de uma comida mais saudável quando é feita com o que foi cultivado. Já com as crianças, além de ensinar a ter responsabilidade nas atividades rotineiras da residência, a aposta no cultivo de espécies alimentícias se mostra como uma estratégia para introduzir frutas, legumes e hortaliças na alimentação. Acreditam que cultivar e colher são formas de conhecer efetivamente o vegetal, podendo assim gerar maior aceitação na refeição.

CONCLUSÕES

O cultivo de plantas nas residências urbanas está longe de ser algo somente objetivo, com um foco específico. Há, claro, questões objetivas, como ter plantas na horta para alimentação da família, mas quando questionamos quais plantas são escolhidas e os motivos de sua escolha fala-se muito sobre sentimentos e vontades. No entanto, não há preocupação como, por exemplo, com o cálculo de quantas mudas atenderiam à família e por quanto tempo, afinal não há a necessidade intrínseca. Há, sim, a curiosidade de plantar algo que nunca se plantou, para ver se uma semente brotará. Utilizam-se muito as ervas e os temperos com o ideal de que se poderá um dia usar para cozinhar, mesmo que isso nunca tenha acontecido, e a planta segue crescendo na cozinha, ao lado do fogão, intacta.

Os presentes, como qualquer outro, são lembranças carinhosas de pessoas ou situações do passado, e quando uma planta nesta situação se desenvolve bem dá a aparência de que o sentimento é mais verdadeiro ou, ainda, que ela cresce justamente pela presença do afeto.

A paixão pelas plantas, sentimento relatado na pesquisa, pode ser entendida como referente à atividade de cultivá-las e não aos indivíduos vegetais em si. As pessoas gostam de cuidar de plantas, mas não se comovem quando uma morre, ou quando é necessário descartá-la. Um dos entrevistados, por exemplo, dizia que como seu apartamento é muito pequeno, quando uma planta cresce muito e precisa de mais espaço, prefere dá-la a alguém. Não há luto, afinal pode-se adquirir outra com facilidade. Pode haver um certo pesar quando há relações de afeto mais fortes, como o caso da planta como presente, ou plantas maiores e mais duradouras como as árvores, mas, ainda assim, a perda é um acontecimento moderado e aceito.

Observamos a curiosidade das pessoas em ver como é o cultivo de uma planta específica, mas, por outro lado, apesar do conhecimento disponível (todas as casas visitadas têm acesso à internet por exemplo), não houve nenhum comentário sobre procurar informações, estudar ou melhorar a forma individual de cultivo. Há consciência da falta do conhecimento, mas, talvez, como se trata de uma atividade prática, não se busque tanto associá-la à teoria. A instrução acaba acontecendo por convivência, são ativadas redes de relações sociais em que o conhecimento se dá pela troca, pela conversa com semelhantes que dividam os mesmos interesses. Muitos citaram o cultivo como foco de conversas com vizinhos e familiares, incluindo as dúvidas como motivo de discussão.

[...] o atual cenário de conectividade mundial e globalização que fez crescer não somente o sentimento do global, como também o do local. O movimento de nos voltarmos a outras culturas e nos aproximarmos delas, tornando-nos globais, aumentou ainda mais o sentimento de indeterminação humana, fazendo-nos buscar nossas raízes e o sentimento de pertencimento a que elas remetem (PINTO, 2017, p. 387).

Já em relação à estética dos ambientes, a visualidade das plantas como elemento decorativo se mostra importante nas residências urbanas, há as pessoas que optam por certas espécies por acharem bonitas e conseguem compor um ambiente. Mas, além destes fatores, planta-se nos pequenos ambientes as plantas que ali se adaptam. Neste ponto, apesar da vontade de se ter plantas com objetivos alimentícios, a maioria das espécies encontradas têm foco ornamental, pois, em geral, a horta necessita de uma luminosidade que os apartamentos não dispõem.

Os apartamentos de classe média das cidades muitas vezes não contam com áreas externas, e quando existem são reduzidas. Já as casas têm atualmente maior preocupação com a segurança, se enclausurando atrás de muros e grades, assim fechando seus jardins e quintais. Caldeira (2003) apresentou a estética da segurança nas residências da cidade de

São Paulo e, segundo a autora, as transformações nas casas, ligadas à segurança, se concentram em impor barreiras no ambiente, em contraponto às fachadas mais antigas com cercas discretas e um desenho aberto.

Muros, cercas e barras falam sobre gosto, estilo e distinção, mas suas intenções estéticas não podem desviar nossa atenção de sua mensagem principal de medo, suspeita e segregação. Esses elementos, junto com a valorização do isolamento e do enclausuramento e com as novas práticas de classificação e exclusão, estão criando uma cidade na qual a separação vem para o primeiro plano e a qualidade do espaço público e dos encontros sociais que são nele possíveis já mudou consideravelmente (CALDEIRA, 2003, p. 297).

O fechamento das casas influencia não apenas em aspectos físicos de redução de espaço para plantio ou de incidência da luz solar, como também as relações sociais que muitas vezes compõe a experiência do cultivo, como a doação de mudas ou a troca de excedentes com vizinhos. Atualmente, existem dispositivos que permitem o cultivo em ambientes internos, mas eles não foram encontrados ou citados nas entrevistas.

Já nas funções sociais, o cultivo se mostra como um facilitador para promover relacionamentos, tendo a internet como uma ferramenta potencial, uma vez que já há, nas redes sociais, diversos grupos que se dedicam a falar sobre o cultivo em pequenos espaços, ou mesmo grande quantidade de pessoas que compartilham etapas especiais do cultivo, como floração ou colheita.

NOTA

1. Desenho da pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética da Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais em 17 de julho de 2018.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao PROQUALI/UFJF pela bolsa de capacitação. Agradecemos também ao professor dr. Raphael Bispo dos Santos, pela apresentação do tema antropologia urbana no PPGCSO, onde este estudo se iniciou.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. *Introdução à etnobotânica*. Rio de Janeiro: Interciência, 2005.
- A. M. S. *Entrevista VIII* [ago. 2020]. Entrevistadora: Lia Paletta Benatti. Juiz de Fora, 2020.
- ATLAS BRASIL. Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. *Juiz de Fora-MG*. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/juiz-de-fora_mg#idh>. Acesso em: 27 jul. 2020.

- CAIAFA, Janice. *Aventura das cidades: ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- CARDOSO, Ruth C. L. Aventura de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth C. L. *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- CARNIELLO, Maria Antônia; SILVA, Roberta dos Santos; CRUZ, Maria Aparecida Berbem da Cruz; GUARIM NETO, Germano. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. *Acta Amazônica*. v. 40, n. 3, p. 451-470, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0044-59672010000300005-&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 out. 2020.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008.
- G. M. F. *Entrevista IX* [dez. 2020]. Entrevistadora: Lia Paletta Benatti. Juiz de Fora, 2020.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Juiz de Fora: panorama*. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/juiz-de-fora/panorama>>. Acesso em: 27 jul. 2020.
- I. N. B. C. O. *Entrevista IV* [out. 2018]. Entrevistadora: Lia Paletta Benatti. Juiz de Fora, 2018.
- J. M. M. *Entrevista III* [set. 2018]. Entrevistadora: Lia Paletta Benatti. Juiz de Fora, 2018.
- LADEM - Laboratório de Demografia e Estudos Populacionais. *Morro do Imperador concentra maior renda em Juiz de Fora/MG*. 2011. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/ladem/2011/11/19/morro-do-imperador-em-juiz-de-fora-concentra-maior-renda/>>. Acesso em: 27 jul. 2020.
- L. A. S. *Entrevista II* [ago. 2018]. Entrevistadora: Lia Paletta Benatti. Juiz de Fora, 2018.
- L. T. C. M. *Entrevista V* [mar. 2020]. Entrevistadora: Lia Paletta Benatti. Juiz de Fora, 2020.
- MAGUIRE, Kay. *Horta em vasos: 30 projetos passo a passo para cultivar hortaliças, frutas e ervas*. São Paulo: Editora Senac, 2014.
- M. D. V. *Entrevista VI* [ago. 2020]. Entrevistadora: Lia Paletta Benatti. Juiz de Fora, 2020.
- M. T. P. C. *Entrevista I* [ago. 2018]. Entrevistadora: Lia Paletta Benatti. Juiz de Fora, 2018.
- PEIRANO, Mariza. *A teoria vivida e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

- PINTO, Laura de Souza Cota Carvalho Silva. Design, alimento e negócio: o caso De-Lá, um empório em busca da valorização do território brasileiro. In: OLIVEIRA, Alfredo Jefferson de; FRANZATO, Carlo; GAUDIO, Chiara Del. *Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil*. São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em: <<http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/openaccess/9788580392661/30.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.
- R. A. R. O. I. *Entrevista VII* [ago. 2020]. Entrevistadora: Lia Paletta Benatti. Juiz de Fora, 2020.
- REIS, Simone Novaes; REIS, Michele Valquíria dos; NASCIMENTO, Ângela Maria Pereira do. Pandemic, social isolation and the importance of people-plant interaction. *Ornamental Horticulture*. v. 6, n. 3, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/oh/v26n3/2447-536X-oh-26-03-0399.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2020.
- VELHO, Gilberto. O Antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: VELHO, Gilberto. *O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

SUBMETIDO EM: 17/11/2020

APROVADO EM: 18/10/2021